



“O sertão é o mundo”: um diálogo entre a crise hídrica na Amazônia e Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa

"The Backlands Are the World": A Dialogue Between the Water Crisis in the Amazon and *The Devil to Pay in the Backlands* by Guimarães Rosa

Ivonete Afonso da Silva¹ Maria Gorete Correa² Maria José Ordóñez³

Submetido: 15/02/2025 Aprovado: 25/04/2025 Publicação: 03/05/2025

RESUMO

A Amazônia, reconhecida como a maior reserva de água doce do planeta, enfrenta um paradoxo socioambiental: apesar da abundância hídrica, muitas comunidades da região sofrem com a escassez de água potável e a falta de infraestrutura básica, remetendo-nos a um sertão. Neste sentido, este artigo propõe um diálogo entre a crise hídrica na Amazônia e a obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, utilizando-a como referência metafórica. A célebre expressão "o sertão é o mundo" sugere que os desafios presentes na narrativa rosiana transcendem um espaço geográfico específico, refletindo desafios universais — entre eles, os enfrentados na Amazônia. A manipulação ambiental e as desigualdades estruturais reforçam a noção de um “sertão amazônico”, no qual a luta pelo acesso à água se configura como um cenário de contradições. A literatura, ao abordar questões socioambientais, amplia a compreensão das problemáticas contemporâneas e evidencia que os desafios amazônicos não são casos isolados, mas sim manifestações de dilemas globais sobre a relação entre humanidade e natureza. Para mitigar os efeitos das crises hídricas amazônicas, seria necessária a implementação de políticas públicas efetivas, o fortalecimento da educação ambiental e o reconhecimento da água como um direito fundamental, indispensável para a promoção da sustentabilidade e da justiça social. Este estudo tem como objetivo demonstrar, a partir da obra de João Guimarães Rosa, que o sertão ultrapassa a condição de mero espaço físico, configurando-se como uma metáfora universal da experiência humana. Nesse contexto, o sertão representa um lugar simbólico onde se travam constantes disputas por identidade, recursos e justiça. A metodologia empregada na elaboração do presente artigo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, com foco na análise do romance *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, além da consulta a artigos científicos que tratam da problemática hídrica na bacia amazônica. A articulação entre literatura e realidade socioambiental objetiva ampliar a compreensão dos dilemas humanos presentes tanto na ficção quanto na realidade amazônica.

Palavras-chave: Amazônia, Crise hídrica, Grande Sertão: Veredas, Desigualdade socioambiental, Sustentabilidade.

ABSTRACT

The Amazon, known as the largest reserve of fresh water on the planet, faces a socio-environmental paradox: despite its water abundance, many communities in the region suffer from a lack of potable water and basic infrastructure, evoking the notion of a *sertão* (hinterland). In this regard, this article proposes a dialogue between the water crisis in the Amazon and the novel *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, using it as a metaphorical reference. The renowned expression “the *sertão* is the world” suggests that the challenges depicted in Rosa’s narrative transcend a specific geographical space, reflecting universal struggles — including those experienced in the Amazon. Environmental degradation and structural inequalities reinforce the notion of an “Amazonian *sertão*,” where the fight for water access unfolds within a landscape of contradictions. Literature, by addressing socio-environmental issues, broadens the understanding of contemporary challenges and highlights that the Amazon’s dilemmas are not isolated cases but manifestations of global concerns regarding the relationship between humanity and nature. To mitigate the effects of the Amazonian water crises, it is necessary to implement effective public policies, strengthen environmental education, and recognize water as a fundamental right, essential for the promotion of sustainability and social justice. This study aims to demonstrate, through the work of João Guimarães Rosa, that the *sertão* goes beyond a mere physical space, functioning as a universal metaphor for the human experience. In this context, the *sertão* is understood as a symbolic space where continuous struggles for identity, resources, and justice take place. The methodology adopted in this study is based on bibliographic research, focusing on the analysis of Rosa’s novel *Grande Sertão: Veredas*, as well as on scientific articles addressing the water-related challenges in the Amazon basin. The articulation between literature and socio-environmental reality seeks to deepen the understanding of the human dilemmas present in both fiction and Amazonian reality.

Keywords: Amazon, Water crisis, *Grande Sertão: Veredas*, Socio-environmental inequality, Sustainability.

1. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol (UNADES), PY. ivoneteafonsoadv@gmail.com

2. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade Del Sol (UNADES), PY. goretacorrea31@gmail.com.

3. Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Autônoma de Assunção (UAA), PY. mariaordonez50@hotmail.com

1. Introdução

A região Amazônica, reconhecida como a maior reserva de água doce do planeta, abriga aproximadamente 20% dos recursos hídricos superficiais do mundo (Plano de Manejo da Floresta Estadual de Faro, 2012). No entanto, essa abundância contrasta com uma realidade alarmante: a crise hídrica que afeta as comunidades ribeirinhas e urbanas da região. Essa incompatibilidade revela as contradições do desenvolvimento amazônico, em que a riqueza hídrica não se traduz, necessariamente, em qualidade de vida para sua população. A disparidade no acesso à água potável, aliada à manipulação ambiental e à exploração dos recursos naturais, configura um cenário de vulnerabilidade socioambiental que exige análise crítica e soluções eficazes.

Nesse contexto, a literatura se apresenta como um meio para compreender e questionar as dinâmicas sociais e ambientais, oferecendo perspectivas sobre a condição humana e os desafios coletivos. *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, ao explorar a travessia pelo sertão como um espaço de resistência e transformação, fornece uma simbologia essencial para analisar a crise hídrica na Amazônia. Assim como no sertão rosiano, onde a escassez de recursos define destinos e trajetórias, na Amazônia contemporânea, uma abundância de água esconde desigualdades estruturais que configuram um verdadeiro "sertão hídrico".

A emblemática frase “o sertão é o mundo” extrapola os limites da geografia nordestina e amplia-se para abarcar as adversidades ambientais e sociais contemporâneas. O sertão, enquanto um espaço de provação e desafios existenciais, manifesta-se em diferentes realidades, onde a luta pela sobrevivência e a busca pela justiça permeiam a vida das populações locais. Da mesma forma que Riobaldo percorre um território repleto de incertezas e disputas de poder, a região Amazônica enfrenta as consequências do desmatamento, da exploração indiscriminada dos recursos naturais e da falta de acesso equitativo à água potável.

A grande obra literária, ao retratar e simbolizar desafios concretos, permite que problemas relacionados à sociedade sejam discutidos em um nível mais amplo, contribuindo para a construção de uma consciência crítica sobre o impacto das ações humanas no meio ambiente. Ao utilizar uma narrativa rosiana como lente interpretativa, este estudo tem como objetivo demonstrar que o sertão não é apenas um espaço físico, mas uma condição universal da existência humana, onde batalhas por identidade, recursos e justiça se desenrolam continuamente.

Como metodologia, buscamos caminhos através de consultas bibliográficas com ênfase no romance de Guimarães Rosa, artigos e periódicos com relevância a problemática hídrica da bacia amazônica. Pretende-se com este estudo literário, estabelecer um diálogo entre a fala de Riobaldo e a crise hídrica amazônica, ilustrando que, se “o sertão é o mundo”, os dilemas da Amazônia representam, em grande medida, os dilemas da humanidade.

Tal como Riobaldo busca compreender as incertezas e contradições do sertão, a sociedade contemporânea precisa refletir sobre suas escolhas em relação à gestão da água e dos ecossistemas naturais, reconhecendo que a preservação da Amazônia é fundamental para seus habitantes e para sustentabilidade global.

A metáfora do "sertão hídrico", inspirada na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, oferece uma lente interpretativa para compreender os desafios enfrentados na região. Essa abordagem enfatiza a relevância de iniciativas governamentais efetivas e de uma sólida educação ambiental como pilares fundamentais para a promoção da sustentabilidade e da justiça social.

2. A Metáfora "O Sertão é o Mundo" em Guimarães Rosa

A obra *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa (1956), uma das mais emblemáticas da literatura brasileira, apresenta uma concepção do sertão que transcende sua geografia física para se transformar em um espaço simbólico e universal. A alegoria "o sertão é o mundo" sintetiza essa ampliação do conceito, sugerindo que o sertão não se restringe ao território árido do Brasil, mas representa a própria condição humana. O romance acompanha a trajetória de Riobaldo, um jagunço que, ao narrar sua história, reflete sobre temas universais como moralidade, destino e a luta pela sobrevivência.

O sertão de Rosa é, antes de tudo, um espaço de travessia, onde os personagens enfrentam desafios internos e externos que refletem dilemas existenciais profundos. O protagonista Riobaldo se depara com questões éticas complexas, especialmente no que tange à dualidade entre o bem e o mal, um tema central em sua jornada e que se manifesta na figura enigmática de Diadorim. O sertão, nessa perspectiva, configura-se como uma representação da vida: um território de provas, no qual o homem é testado, confrontado com suas próprias contradições e compelido a tomar decisões que determinarão seu destino.

Essa complexidade existencial do sertão se entrelaça com sua dimensão sociocultural, evidenciando-o como um espaço de provação e transformação. Não se trata apenas de um local de aridez e dificuldades, mas também de possibilidades e descobertas. Ao longo do romance, Guimarães Rosa construiu um sertão que se renova constantemente, um ambiente dinâmico onde a linguagem, os costumes e as relações humanas se moldam de acordo com as relações. Dessa forma, o sertão rosiano reflete a própria dinâmica do mundo, onde tudo está em movimento e em constante reinvenção.

Os desafios impostos pelo sertão são retratados em várias obras literárias, tornando-se um ponto de interseção entre elas. Aqui, abrimos um parêntese para observar o desenho do sertão por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, na música *Asa Branca*. Assim como no *Grande Sertão: Veredas*,

de Rosa, em *Asa Branca*, os autores enriqueceram a compreensão do sertão e destacaram a relevância de suas mensagens em um contexto contemporâneo, onde as travessias da vida continuam a desafiar e moldar a experiência humana:

*“Quando oiei’ a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei’ a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação?
Eu perguntei’ a Deus do céu, uai
Por que tamanha judiação?”*

*Que braseiro, que fornaia’
Nenhum pé de prantação’
Por farta’ d’água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
Por farta’ d’água perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão*

(.....) Humberto Teixeira Cavalcanti / Luiz Gonzaga - 3 de março de 1947

Observamos que tanto na música quanto na literatura, o sertão é mais do que um espaço físico; é um símbolo das lutas internas e externas que todos enfrentamos. Em *Asa Branca*, a seca que força a migração do protagonista reflete a busca por sobrevivência e a luta contra as circunstâncias, ecoando os dilemas existenciais enfrentados por Riobaldo. Ambos os personagens, o do sertão de Rosa e o da música, são moldados por suas experiências e pela necessidade de encontrar sentido em meio a um ambiente hostil.

Na obra literária, Rosa expande a imagem do sertão para além dos desafios individuais, conectando-a aos desafios ambientais e sociais contemporâneos. O sertão rosiano, marcado pela imprevisibilidade da natureza e luta pela sobrevivência, dialoga com questões como a degradação ambiental, a escassez de recursos e os impactos das ações humanas sobre o meio ambiente. Assim, a leitura do romance permite uma reflexão mais ampla sobre a relação entre o homem e a natureza, evidenciando como os dilemas ecológicos da atualidade já estavam presentes na visão simbólica do sertão.

Dessa maneira, *Grande Sertão: Veredas* apresenta o sertão como um território de ambiguidade, onde certezas se dissolvem e tudo pode ser questionado. Essa característica ressoa com dilemas universais, como a busca pelo sentido da vida e os desafios pelas escolhas morais. Riobaldo, ao longo da narrativa, tenta decifrar a natureza do bem e do mal, sem nunca encontrar respostas definitivas, evidenciando que o sertão – e o mundo – é feito de incertezas e contradições.

Nesse contexto, a obra se consolida como atemporal, pois seu sertão transcende as fronteiras físicas e se projeta como um símbolo da condição humana. Os desafios enfrentados por

Riobaldo refletem dilemas éticos e existenciais presentes em qualquer época, e a figura "o sertão é o mundo" reforçam a ideia de que as travessias da vida, com suas dificuldades e descobertas, são experiências universais. Assim, Guimarães Rosa transforma o sertão em um espaço de profunda reflexão, no qual cada indivíduo, em sua jornada, busca compreender a si mesmo e o mundo ao seu redor.

A análise crítica da metáfora "o sertão é o mundo" nos permite compreender como Guimarães Rosa transforma o sertão em um símbolo universal da condição humana, refletindo os desafios que também encontramos na Amazônia contemporânea. A literatura, ao abordar questões socioambientais, amplia nossa compreensão dos problemas atuais e nos inspira a buscar soluções sustentáveis e justas, compreendendo que tanto o sertão quanto a Amazônia representam espaços de luta e transformação, reivindicando políticas sustentáveis e inclusivas para garantir um futuro mais equitativo para todas as populações que os habitam.

3. A Amazônia como Sertão: Paradoxos Hídricos

A Amazônia tem a maior reserva de água doce do planeta, concentrando aproximadamente 68,5% da água disponível no Brasil (Acesso à água nas regiões Norte e Nordeste do Brasil: desafios e perspectivas, 2018, p.17). Esse potencial hídrico caracteriza-se como um regulador climático de proporção global, desempenhando um papel fundamental no equilíbrio ecológico. No entanto, essa abundância contrasta com a realidade de muitas comunidades amazônicas, que enfrentam dificuldades no acesso à água potável. Esse paradoxo aproxima-se da região do sertão nordestino, onde a escassez hídrica define os desafios cotidianos da população.

Em "O paradoxo da água na região das águas: o caso da Amazônia brasileira", Carlos Alexandre Leão Bordalo destaca essa contradição ao afirmar:

Compreender e explicar esse paradoxo da água na Amazônia tornou-se uma tarefa grandiosa e estratégica, pois, num cenário amazônico marcado por uma significativa riqueza hídrica, seja superficial, atmosférica ou subterrânea, com uma população rural e urbana extremamente vinculada aos rios, lagos e igarapés, nos assombra e preocupa saber que mais da metade da população amazônica em 2008 ainda estava sujeita a consumir água de má qualidade, ou até mesmo não tinha acesso a ela. (Bordalo, 2017, p. 120)

Apesar da vasta rede de rios que atravessa a Amazônia, a infraestrutura de distribuição de água é deficiente em diversas áreas, deixando muitas comunidades ribeirinhas, que dependem desse recurso, desassistidas durante as variações sazonais. Esse cenário revela desequilíbrio na gestão dos recursos hídricos, demonstrando que a simples presença de água não garante sua disponibilidade para consumo humano. O acesso limitado reforça a ideia de um "sertão amazônico", onde a

desigualdade se manifesta de forma estrutural.

No artigo “O desafio das águas numa metrópole amazônica: uma reflexão das políticas de proteção dos mananciais da região metropolitana de Belém-PA (1984 – 2004)”, Bordalo observa que:

Falar em “crise” da água no Brasil parece ser uma grande contradição, em um país com a grande parte do seu território (8,5 milhões de Km²) localizado na Zona Climática Intertropical, com índices de pluviosidade média em torno de 1.800 mm e por possuir extensas bacias hidrográficas (Amazonas, Tocantins, São Francisco, Paraná, Paraguai e do Uruguai), responsáveis por 12% (1,488 milhão m³/s) da água doce dos rios no mundo e 53% (334 mil m³/s) do total da América do Sul. (Bordalo, 2006, p. 112)

A figura do sertão amazônico, nesse contexto, está associada à dificuldade de acesso a um bem essencial para a vida, assim como ocorre no sertão nordestino, onde a água constitui-se em um elemento de disputa e sobrevivência. No entanto, enquanto no Nordeste a escassez hídrica ocorre, em grande parte, devido a fatores climáticos naturais, na Amazônia essa crise é agravada pela ausência de uma gestão hídrica eficiente.

Sobre o tema, Érika Renata Farias Ribeiro, *et all*, no artigo “O Paradoxo da Água na Amazônia Brasileira: Uma Análise Sobre a Problemática de Abastecimento de Água no Bairro do Algooidal em Abaetetuba/PA”, destaca que:

Morar na região mais rica em água doce do planeta o ano inteiro, no entanto, apresentar os piores índices de acessibilidade a água tratada à população no país torna-se um verdadeiro paradoxo da água. A população da região amazônica tem convivido com esse dilema, pois os índices evidenciam esta problemática e quem mais sofre com essas dificuldades são as pessoas mais carentes, moradores das áreas periféricas das cidades, ribeirinhos e de áreas mais afastadas dos centros. (Ribeiro, 2015, p. 6)

A representação "o sertão é o mundo" nos permite compreender que a Amazônia, embora geograficamente distinta do sertão nordestino, compartilha muitos dos mesmos dilemas socioambientais, exigindo uma abordagem crítica e integrada, que considere tanto as especificidades locais quanto as interconexões globais. Somente assim será possível promover a justiça hídrica e a sustentabilidade, garantindo que o acesso à água potável seja um direito fundamental para todos os habitantes da região.

Essa perspectiva possibilita traçar um paralelo entre a realidade amazônica e o sertão descrito por Guimarães Rosa, onde a aridez simboliza as adversidades enfrentadas por populações historicamente marginalizadas. Assim, a interseção entre o Sertão Rosiano e a Amazônia revela semelhanças nas dificuldades vivenciadas por seus habitantes.

4. Interseções entre o Sertão Rosiano e a Realidade Amazônica

Em *Grande Sertão: Veredas*, Guimarães Rosa constrói o sertão como um espaço de desafios, incertezas e transformações, indo além da aridez física para representar um cenário simbólico da condição humana. A metáfora "o sertão é o mundo" sugere que os dilemas vívidos no sertão nordestino se caracterizam como temas universais e reflete questões existenciais e sociais presentes em diferentes contextos. A Amazônia, embora seja climaticamente diferente do sertão tradicional, compartilha muitas dessas características, tornando-se também um território de contrastes e batalhas.

Assim como o sertão rosiano, a Amazônia é uma região marcada por disputas e luta pela sobrevivência. No romance, Riobaldo enfrenta problemas morais e os desafios impostos por um ambiente hostil, enquanto os habitantes da Amazônia lidam com problemas como o desmatamento, a exploração econômica descontrolada e a dificuldade de acesso a recursos básicos. Tanto no sertão quanto na floresta, a presença da natureza imponente molda o destino das pessoas, tornando a vida uma travessia permeada por obstáculos e incertezas.

O sertão de Rosa configura-se em um espaço de ambiguidade, onde não há certezas absolutas sobre o bem e o mal, e onde a existência humana se equilibra entre a ordem e o caos. Na Amazônia, essa dualidade também se manifesta: a floresta é, ao mesmo tempo, símbolo de riqueza natural e palco de manipulação ambiental. A luta pela preservação dos modos de vida tradicionais espelha os conflitos vividos pelos jagunços e sertanejos do romance, ressaltando a complexidade das relações humanas e ambientais na região.

Além das questões éticas e sociais, o sertão e a Amazônia reúnem um aspecto fundamental: a relação do homem com o meio ambiente. Em *Grande Sertão: Veredas*, a natureza dita o ritmo da vida, impondo limites e exigindo adaptações. Na Amazônia, a floresta desempenha um papel semelhante, regulando o clima e influenciando a economia e a cultura do ambiente local. No entanto, embora no sertão nordestino a escassez de água seja um problema evidente, na Amazônia a abundância de rios não garante o acesso à água potável.

Outro ponto de intersecção entre o sertão rosiano e a realidade amazônica está na resistência das populações que habitam esses territórios. No romance, os jagunços vivem em constante deslocamento, buscando garantir sua sobrevivência em meio a uma paisagem desafiadora. Na Amazônia, ribeirinhos e pequenos agricultores enfrentam pressões externas que ameaçam suas formas de vida, seja pelo avanço do agronegócio, pela mineração ilegal ou pela ausência de medidas governamentais eficazes que assegurem seus direitos.

No artigo "Matéria vertente: "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa e o Rio São Francisco", Adélia Bezerra de Meneses pondera que:

Em Grande Sertão Veredas, cujo título condensa exatamente as duas metáforas fundamentais do romance: sertão e rios, é exatamente esse “sentimento e paixão” que se vê na relação de correspondência dos protagonistas com o rio (Meneses, 2002, p. 12).

Neste sentindo, a autora estabelece uma metáfora entre o curso do rio e a jornada do protagonista Riobaldo. Essa relação simbólica ressalta o papel fundamental dos rios na organização do território, na estruturação das paisagens e na vida das comunidades que deles dependem.

A alegoria do sertão como o mundo, proposta por Rosa, reforça a ideia de que as dificuldades enfrentadas em contextos locais possuem um caráter global. “O sertão é do tamanho do mundo” (ROSA, 2006, p. 96). Essa frase, dita por Riobaldo, evidencia que o sertão transcende um espaço geográfico e se torna uma condição universal da existência humana.

Dessa forma, o "sertão" não se limita à aridez do Nordeste, mas se manifesta nas desigualdades e desafios socioambientais enfrentados na floresta amazônica. São reflexos de problemas globais que se repetem em diferentes partes do planeta. Assim como o sertão nordestino representa a condição humana em sua essência, a floresta amazônica simboliza o debate entre desenvolvimento e preservação, questionando os rumores da civilização.

A Amazônia, como o sertão rosiano, configura-se em um espaço de travessia, onde as escolhas humanas determinam o futuro da terra e de seus habitantes. Enquanto Riobaldo busca respostas sobre o bem e o mal ao longo de sua jornada, a sociedade contemporânea precisa decidir entre explorar ou conservar a floresta. Esse dilema, assim como na obra de Rosa, não possui respostas simples, mas exige reflexão e responsabilidade, pois suas consequências ultrapassam os limites geográficos e impactam o planeta como um todo.

As interseções entre o sertão rosiano e a realidade amazônica nos permitem compreender que os desafios enfrentados nesses territórios são reflexos de problemas universais sobre a relação entre o homem e a natureza. A figura "o sertão é o mundo" nos ensina que as lutas por sobrevivência, justiça e identidade são comuns a todas as regiões, independentemente de suas características geográficas.

A obra de Guimarães Rosa, ao transcender os limites do sertão nordestino e dialogar com questões ambientais e sociais contemporâneas, nos oferece uma lente interpretativa importante para analisar a crise hídrica na Amazônia. Esse diálogo entre literatura e realidade amplia nossa compreensão dos problemas atuais e nos inspira a buscar soluções sustentáveis e justas para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Dessa maneira, a interseção entre o sertão de Guimarães Rosa e a Amazônia mostra que, independentemente do espaço geográfico, a humanidade enfrenta desafios semelhantes. A luta pela sobrevivência, a busca pela identidade e a necessidade de equilíbrio entre o homem e a natureza são temas universais, que encontram diferentes manifestações no sertão árido e na floresta úmida.

Se “o sertão é o mundo”, então a Amazônia também carrega em si as marcas dessa travessia, sendo um reflexo dos dilemas humanos e ambientais que atravessam os tempos.

5. Considerações Finais

Uma análise da crise hídrica na Amazônia sob uma perspectiva metafórica do *Grande Sertão: Veredas* permitiu uma reflexão sobre os antagonismos que caracterizam a região. A expressão "o sertão é o mundo", apresentada na obra de Guimarães Rosa, revelou-se uma chave interpretativa para compreender as contradições no acesso à água na maior reserva hídrica do planeta. Assim como no sertão rosiano, onde a escassez de recursos define trajetórias e destinos, a Amazônia contemporânea enfrenta desafios estruturais que dificultam a distribuição equitativa da água, configurando um verdadeiro "sertão hídrico".

Nesse contexto, a literatura assume um papel essencial na abordagem de questões socioambientais, proporcionando um registro simbólico de desigualdades e conflitos e um espaço de questionamento e reflexão crítica. *Grande Sertão: Veredas* permite compreender a crise ambiental não apenas como uma característica natural, mas como um reflexo das disparidades estruturais que marcam a sociedade brasileira. A narrativa de Guimarães Rosa transcende o contexto geográfico do sertão e ressoa com os desafios enfrentados na Amazônia, evidenciando a interconexão entre meio ambiente e organização social.

O paralelo entre o sertão literário e a realidade amazônica reforça a necessidade de estratégias integradas para enfrentar os desafios atinentes a problemas relacionados ao meio ambiente da região. Uma gestão ambiental eficiente, investimentos em infraestrutura e a ampliação das políticas de educação ambiental são fundamentais para mitigar os impactos das disparidades no acesso à água. Ao destacar como a ficção pode iluminar problemas reais, percebemos que a literatura contribui para a construção de uma consciência crítica sobre os impactos da exploração dos recursos naturais e a urgência de soluções sustentáveis.

Nessa perspectiva, estudos acadêmicos apontam para a importância da conscientização e da participação social na gestão dos recursos naturais, especialmente no contexto amazônico. Na pesquisa intitulada *Gestão de Recursos Hídricos Na Amazônia: Um Panorama da Participação da Sociedade Civil nos Espaços Deliberativos*, os autores defendem que:

A simples previsão legal de espaços deliberativos paritários, por si só, não garante a concretude de uma boa governança hídrica. São necessários investimentos em atividades e programas de educação ambiental que sensibilizem, principalmente, os cidadãos quanto à importância do seu papel no andamento desta política pública de modo a sentirem-se parte integrante e responsável nos processos deliberativos quanto aos usos e preservação da água. (FERREIRA, 2017, p. 14)

Diante dessa realidade, infere-se que a gestão dos recursos hídricos na Amazônia exige uma abordagem multidisciplinar e inclusiva, que valorize tanto os conhecimentos tradicionais das populações locais quanto as inovações tecnológicas externas à conservação e distribuição da água. Se "o sertão é o mundo", então os dilemas amazônicos refletem os desafios globais da sustentabilidade, reforçando a necessidade de políticas públicas que garantam o equilíbrio entre o desenvolvimento e a preservação ambiental. Assim, a literatura, ao dialogar com as questões socioambientais contemporâneas, reafirma seu papel transformador na construção de um olhar crítico sobre o futuro do planeta.

Referências

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. Compositores: Humberto Teixeira Cavalcanti / Luiz Gonzaga. RCA Victor. 1947.

BORDALO, Carlos Alexandre Leão. **O paradoxo da água na região das águas: o caso da Amazônia brasileira**. *Geosp – Espaço e Tempo (Online)*, v. 1, p. 120-137, abr. 2017.

BORDALO, Carlos Alexandre Leão. **O desafio das águas numa metrópole amazônica: uma reflexão das políticas de proteção dos mananciais da região metropolitana de Belém-PA (1984 – 2004)**. 2006. 281f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 2006.

FERREIRA, Fernanda N. et al. **Gestão de recursos hídricos na Amazônia: um panorama da participação da sociedade civil nos espaços deliberativos**. *Holos*, v. 8, p. 336-351, 2017.

INSTITUTO TRATA BRASIL. **Acesso à água nas regiões Norte e Nordeste do Brasil: desafios e perspectivas**, 2018. Disponível em: https://bkp-trata.aideia.com/tratabrasil.org.br/images/estudos/acesso-agua/tratabrasil_relatorio_v3_A.pdf. Acesso em: 11 mar. 2025.

MENESES, Adélia Bezerra de. **Matéria vertente: "Grande Sertão: Veredas" de Guimarães Rosa e o Rio São Francisco**. *Remate de Males*, v. 2, pág. 9-23, 2002.

Plano de Manejo da Floresta Estadual de Faro. Capítulo 2- item 2.1. Característica da Paisagem, 2012. Disponível em: <https://imazon.org.br/plano-de-manejo-da-floresta-estadual-de-faro/>. Consultado em: 07 mar. 2025.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 25. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

RIBEIRO, Érika Renata Farias *et al.* **O paradoxo da água na Amazônia brasileira: uma análise sobre a problemática de abastecimento de água no bairro do algodoal em Abaetetuba/PA**. *Boletim Amazônico de Geografia*, v. 2, n. 04, p. 10-21, 2015.